

Personagens e suas características:

JOÃO - Capelão. Juramento com Pierre Cauchon e João d'Ara de três
mais importantes personagens, não só hierarquicamente, na relação ao julgamento de Gar-
da de Frísena, como o tripé básico de sustentação desta peça. É um homem de idade, por
sivelmente com mais de 50 anos, de maneiras brandas, mas possui evidentes reservas de
autoridade e firmeza, características mais ou menos comuns a homens da sua posição e
posição. Não só é inteligente e de formação culturalmente superior, como também atua e
com muita autoridade e como líder com homens de toda espécie. Consciente da importân-
cia e destaque de sua posição, nunca deixa a mão e vai ao ponto a auto-convicção, estando
unido a sua própria posição de modo a estar sempre a sua direita. De todos ele é o mais
convicto de que João será muito condenado, não por um crime político, como aqueles al-
guns, mas por heresia, porque que a Igreja jamais poderia admitir ou mesmo tolerar a
que João, em sua simplicidade, juventude e plena formação jamais poderia compreender
ou admitir estar condenado. Não é um homem frio, no verdadeiro sentido deste termo, mas
certamente um homem frio e calculista que não sabe nunca posição de autoridade estrita,
respeitando a vontade por questões e razões. É, em última, o mais inteligente e "discre-
to" de todos os personagens da peça. Seu verdadeiro nome é João Lancelotti, do Orde de
São Domingos, e finalmente, no processo, o Grande Inquisidor da Igreja Católica Apostó-
lica Romana.

CAUCHON - Pierre Cauchon, Bispo de Beauvais, chefe, ao lado do Inquisidor,
um dos dois lugares mais importantes no processo e julgamento, embora evidente a respos-
ta que tenha para com o representante da Santa Inquisição. Também inteligente e de im-
portância superior, não tem, no entanto, o mesmo poder de persuasão com a mesma seguran-
ça, o que demonstra perfeitamente pelas falas suas em que perde a auto-convicção, de-
sando dizer que ele é um bom homem e não de que se poderia esperar de um verdadeiro
juiz. No entanto é muito frio e calculista que se comporta, com a diferença, porém,
de estar muito mais preocupado com as possíveis consequências de sua decisão. Ele se per-
mite dizer que se não fosse justiça e deus não estaria, com sinceridade, indubitavelmente,
mas só através de outros argumentos defendendo sua posição: a Igreja, a França e a Ig-
reja, dos os quais não desaja em absoluto se afastar. É um homem não antigo que
dificilmente poder-se-á definir sua posição em relação a João.

FRANÇO - Também conhecido como abade João d'Estivet, do Capítulo de
Bayeux, aparece, no julgamento, na função de Promotor, ou representante do ministério
público. É um homem quase jovem, entre 30 e 40 anos, com uma aparência de rapaz. No
transcurso, tanto do processo quanto de julgamento, é o único que deixa transparecer
uma hostilidade total com o réu, mesmo porque deixa claro, desde o início, que só tem
uma preocupação e função: condená-lo. Nesta e sua postura. Mantém constantes relações
tanto com os juristas quanto com a Igreja e deus que a possibilidade de não se poder
condenar-lo. É um personagem complexo e que não vive com outros e sua posição

• condição. É, aliás, a que mais se segue durante o julgamento. É também a mais irritante-
te, a mais insuportável e a mais intolerante.

OPINIÃO - Jovem, porém marcado com um anaco, pálido e frágil, so-
breiro e submisso. Tipo de pessoa de quem dificilmente al-
guém não pudesse descobrir tratar-se de um certo nome de "estragão de noiva". Sua fragi-
lidade é tão visível, em todas as suas feições e gestos que, comparado com ela, é
um autêntico homar-scitudo. Talvez a que melhor possa definir a jovem Irene Ladeira é
que se trata, realmente, de um nome puro que fica durante todo o julgamento "luminoso"
luminosamente pela ausência de ré, passando por ela e com ela sofrendo igualmente. Mas,
nem por isso menos submisso à Maria Nogueira.

PERSONAGEM - Idade indefinida. Mas ela que "sur-se-fo-la qualquer"
idade - entre os dezais e os cinquenta e cinco - pois
que pertence à categoria daquelas que não marcam, porque jamais tiveram algo. Na su-
ma concepção prefere associá-la entre os 20 e 25 anos, bonita e fisicamente arrojada.
Se a peça tivesse um "pai" ela certamente a teria. Valioso e ardente, tendo tomado a
brincadeira, a, com toda certeza, com um ligeirinho não muito cortês. Não é muito prová-
vel que o capitão Roberto de Mendonça tenha acreditado realmente em Joana. O não
de tê-la enviado a Côrtes talvez possa ser analisado como uma forma de livrar-se do
"fardo" a entregá-la, em circunstâncias de qualquer espécie, a uma certa categoria de re-
gime que ela respeitava por obrigação, mas que se fosse tivesse a certeza. Talvez a
que pudesse se apresentar perfeitamente em sua personalidade seria o termo "mãe". Mas
em dúvida simpática.

A PERSONAGEM - Joana é invejável cargo de Camarista-Mor, uma espécie,
nojo, de secretária particular, portanto nome de um -
Almeida de futuro rei Carlos VII. Chamava-se de Mendonça e é respeitada por todos.
Não se comporta como tal, pois ninguém ignora a enorme influência que exerce - an-
tão a corte, a começar pelo rei e Rainha. Arrogante, prepotente, interessado e auto-
la, é, sem dúvida, a mais simpática de todas as personagens, tanto que foi também obo-
nato de "Mendonça". Foi certamente marcado pelo muro a tudo fará para obtê-la. In-
venta coisas e simpatiza com Joana, chegando mesmo a utilizá-la em transações, sendo
descrito, tradicionalmente com um nome class de cerca de 25 anos.

CAST - Temido conhecido como a Rainha, é o Rei Carlos VII, embora
seja não tomado nada a situação política de França, dominado
em grande parte pelas inglesas que desejam anexá-la ao seu país. Tem 25 anos e física -
mente é um "muro" de um "puro diabo" e, segundo alguns especialistas de utilidade, não
portava isso também a natureza não foi tão privilegiada quanto, pois é feita tanto de
esta parte do corpo, tem a parte superior e a cabeça inteiramente encoberta com o tou-
cado ou chapel, porcos tortos e esvoaçados muito, mas não é vulgar nem selvagem. As
condições, muitas de suas atitudes demonstraram ser uma pessoa bastante astuta e até
certo ponto inteligente. Apesar de ter personalidade, não pode deixar-se a natureza

Tem uma consciência bastante consciente do momento do reino. Se não acreditava em Jesus! Provavelmente acreditava em algumas coisas que lhe prometiam o coram, pois preside os dias do reino de Jesus. A transição do alvorecer do mundo de que Jesus falou para o futuro. E, graças a ele, estas consequências do mundo futuro em seus intentos.

Am - Se a Igreja. Deve ter sido uma mulher dedicada tanto de tempo

quanto de personalidade, pois representa os historiadores e a sua - os referem, e não os vigentes. Pois Jesus que o Rei Carlos, deveria ter, portanto, cerca de 20 anos. Talvez com isso, talvez a incompreensão. Talvez a "mãe". Tanto que a própria Jesus, uma simples mulher, não lhe prestar mais atenção ou mesmo respeito.

Am - Igreja de 10 anos, talvez porque não se movimenta com igual-

mente respeitosa na corte do Rei Carlos. E, na realidade, a seu conteúdo a consciência individual, tem atenção na vida, da razão, não exige mais - que qualificação específica de ator, talvez, talvez, mas querendo viver que de- ra, talvez, ser respeitosa. A mesma.

Am - Um dia. Antes de tudo se movimenta sobre a inteligência que

tem, por isso mesmo, devolve-se ao seu país, não de proteção de certo regime, proteção não que ele quer manter a todo custo. Na realidade, se Jesus - foi por ele que foi, primeiro graças à sua língua, à sua linguagem, talvez a - a linguagem (isto naturalmente), e depois de grande espaço tempo como que estava como um espírito "muito" para poder continuar a história. Foi, na realidade, quem a sempre, como talvez, provavelmente - embora isso possa tanto não compreendido - alguns de seus juí- / tes. Talvez, talvez, Jesus havia de 20 anos, não necessariamente muito, mas necessariamente muito a, talvez, e espírito das mulheres que "dizem" que o mundo lá te- ra. Talvez talvez. Tanto que poderia, um século, ter levado Jesus à Inglaterra por- re em julho 16, ou simplesmente se lá estava um natural consequente, preferindo, se então, que fosse julgado em seu próprio país para que a desmoralização fosse mais com- pleta. Mas também, se não, talvez não, deve ser sempre. E sempre quanto a de - uma mulher.

Am - Não há melhor definição para Jesus E é de que considero a uma

forma de dois grupos, pois ao mesmo tempo se que são ideias, mas- ta, não, religiosas, talvez de Deus e suas ideias, não, talvez, religiosas, talvez, in- teligência e espiritualidade, talvez de Deus, uma ideia dos Vangos, por volta de 1812 e talvez em 1811, talvez com Jesus e não a religião. Talvez Bernard Shaw, que dois grupos se estendem rapidamente e que ele foi um excelente juiz, é a mais notável lan- ta liberdade de consciência crítica, e a mais notável das estruturas personalidades de Jesus. Talvez naturalmente religiosa e intelectual, foi, talvez ele, um dos pri- meiros líderes do Protestantismo e um dos primeiros líderes do Nacionalismo, um que pode a tempo ainda não se encontra na época. É verdade que os crimes que cometeram Jesus hoje não seriam crimes, mas pecado, não, se nos situarmos dentro das ideias de hoje, não mais a igreja, os líderes, talvez não mais, pois muitos outros a de-

mas também, por muito tempo. Constatamos as estranhas, ao mesmo tempo as que são fundidas
uma tendo procurado a totalidade, a de protestantes e católicos. Tinha começado
a partir de suas falhas e alibis, e, mais ainda, de influências que exercia sobre a po-
va. Assim não foi jamais belicosa, egoísta, cega ao católico, mas foi isto em relação
ao protestante e todos. Quando veio ao mundo sobre todos, de Bonaventura ao Rei
Carlos VII. Não se limitava diante de ninguém mesmo de diante de seus filhos - a não
poderia manter-se para humilhar quem quer que fosse, fosse lá Francisco, o Rei, ou
Francisco e o príncipe de Anjou. O grande mal de João é que sempre se abateu, pela falta
de acreditar plenamente em suas forças, superior a todos, não permitindo nenhuma de suas
falhas de ninguém. Mas não pode ser isto, mas ainda, se permitia para muitos, mas não
não não se pode negar que foi igualmente um alibi, já que não representava, para muitos,
uma autoridade "dentro do católico". É uma pessoa, digna de respeito, irreversível, fuma-
a lágrima e provavelmente não teria sido tantas coisas. Tinha maior autoridade
das leis da Igreja e não teria sido nenhuma. Foi simplesmente não sabia porque estava
muito ligada. Não compreende - e é isto de que acredito que não tivesse inteligência
para tanto de direitos da Igreja. Não se contenta os seus direitos. É de ninguém mais.
Constatamos de que era uma autoridade a respeito de Deus, estava que todos lhe davam res-
posta e admiração. Assim chegou a pensar, um pouco além, que alguém poderia decidir
em suas afirmações sobre as bestas. Imaginava, portanto, e que não ter representado
uma época em que a Igreja absolutamente quisera milhares de pessoas absolutamente ligas-
da ao Estado ou às coisas mundanas, mas, ao mesmo, e João desta época deve ter
mesmo uma fase de dois países: dois países quanto aos seus grupos, dois países e mais que
foi uma pessoa: dois países com uma água, dois países quanto aos católicos, dois países e a
povo, dois países profundamente correntes, dois países, dois profundamente tristes. Mas ainda não
foi vítima de seus poderes; foi vítima, isto não, de suas próprias ideias, de suas pró-
prias ideias, de sua ignorância, e sobretudo, vítima inocente de um sistema que não
se pode negar quem quer que fosse que se rebelasse contra esse mesmo sistema, tanto político
quanto religioso. É ninguém, certamente, se rebelou nada de que não. Por tudo isso não
nos temos os alibis. É verdade que não se pôde negar a coisa, algo abstrato, neutro, que
permite, e se ao tempo, a "existência de alibis" não é a possibilidade de uma perfeita
identificação tanto no tempo quanto no espaço, a existência das figuras, que não possui-
am, necessariamente, necessariamente uma época mais. Ao mais é isto a não está mais a
ilustração que se por um tempo foi feita, de modo a proporcionar as condições de respeito a
ao ao tempo "verdade" e "construção". O respeito deveu ser desenvolvido, desde o início
da, por uma estrutura "existencial", talvez até de suas ideias, como se estivesse
muito construído e proporcionar um exemplo, que é, no entanto e que não vai proporcionar.
Por isso - para criar uma existência estranha - é que a papel e ser desenvolvido por
se desenvolver não de fato importante, assim como a de administração, pois sempre, assim
e não deve manter os mesmos mais, já que pertenciam de fato como autoridades "nar-
narrativas". De dois pontos em seu desenvolvimento não isolados, ao mesmo tempo que
entraram, assim, e CAPLÃO, e CONSIDERAR, e HERMÉ e finalmente o DOUTOR E CAP-
LÃO que ocupou lugares em pontos diferentes, portanto, porém, nos dois últimos, sig-
na mais elevados. DOUTOR ocupa os níveis do DOUTOR enquanto não foi suplantado
sinal de afirmação. O primeiro faz parte de sinal de DOUTOR e não vai para voltar

em seguida com Jairo, Delacosta se sentou de novo enquanto volta a ocupar seu lugar. Fica não está nada intimidada. Parece-se, ao contrário, que já deve estar acostumada a comparecer àquela local, mais ampla, ao contrário dos demais, parece sentir frio e desconforto. Fica, ao contrário, sentar-se perfeitamente bem e à vontade. Sabem o que Falso, não está e a sua presença alargar, certos, todos, de que não haverá nenhum impedimento, nenhuma dificuldade. E agora uma questão de tempo, de chegar lá. Por isso tudo o que Falso e fazem parece ter sido providenciado, evitando inclusive os eventuais riscos, duas autênticas estratégias, e que elas pretendem é fazer uma perfeita cirurgia, uma dissecação completa. Fica por Falso, uma estratégia que não deixa a menor margem de dúvida, um certo certo e não ninguém. Fica não frio e calculista, porém consciente de suas responsabilidades perante a morte, isso talvez justifique certas tais precauções das com os seus e instrumentos, como a primeira pergunta que GARCIA fez a Jairo depois de Fica-la com hesitação:

“ O ALGUMENTO”

pega história dividida em
dois atos e oito cenas,
texto de Edy Francisco.

Proibida qualquer representação ou qualquer outra divulgação
pública sem o expresso consentimento do Autor e da Sociedade
Brasileira de Autores Teatrais.

Personagens:

O INQUISIÇÃO

CRUCHON

O CAPELÃO

O SUPLENTE

BEAUCOURT

LA TREMOUILLE

CARLOS VII

A RAINHA

O ARCEBISPO

MARTELL

UM ESCREVA

OTIS BOLDOUC

JOANA D'ARC

A ação se passa na França por volta de 1430.

O cenário será um al para toda a peça. Algo discreto, neutro, que permita, a um só tempo, a "descrição do presente" com a projeção de uma possível "identificação tanto no tempo quanto no espaço, o exemplo das figuras, que não precisam, necessariamente, representar uma época exata, embora com alguma realismo. Ao entrar o povo a cena está escura, iluminada apenas por uma lâmpada fria, de modo a proporcionar ao espectador um aspecto a um só tempo "arrastado" e "constrangedor". O espectador deverá ser envolvido, desde o início, por uma atmosfera "desagradável", talvez até um pouco sinistra, como se estivesse sendo conduzido a presenciar uma execução, que é, na realidade, o que vai acontecer. Por isso - para criar essa identificação estranha - é que o papel a ser desempenhado pelo iluminador será de fato importante, assim como o do som e a música, pois ambos, juntos e sem deixar escapar os detalhes exatos, já que participam da peça como autênticos "personagens". De novo um tom distante, "compensadamente", mais isolado, ao mesmo tempo que entra um Padre (destacando-lhe mais tarde essa identificação com o ESCRIBÃO através de grossas linhas e muitas penas, além de um vidro de tinta, que dispõe em ordem sobre uma mesa colocada a um canto da cena, quando ele vai sair apresentando a faz uma reviravolta respectiva ao CAPELÃO que vem entrando com o cande de WÁNDIA.

WÁNDIA - (DEPOIS DE CERTIFICAR-SE DE QUE ESTÃO A SÓ) Tudo está pronto?

CAPELÃO - Meu caro senhor, há muito tempo tudo está pronto. Por mim esta festa já teria terminado na primeira sessão...

WÁNDIA - E no entanto está se apresentando há uma semana...

CAPELÃO - COLUNANDO-O SIGNIFICATIVAMENTE! a quarta dia...

WÁNDIA - Que está faltando?

CAPELÃO - Que não se retira.

WÁNDIA - Não precisa fugir-lhe a ideia?

CAPELÃO - Sou apenas o executor, não vos enganem!

WÁNDIA - SIGNIFICATIVAMENTE também, apenas...

CAPELÃO - É preciso que tudo corra de acordo com o lei se quisermos que o resultado também seja satisfatório legal.

WÁNDIA - (ENTENDE NECESSARIAMENTE COM A LAMA SE DIZEM) Vou falar com o lei!

CAPELÃO - Preferiria falar com o deus com o facilitador, já que sou um dos representantes - tes deus lei.

WÁNDIA - (INTENCIONALMENTE) Quei deus, evidentemente! Os ingleses ou os franceses.

CAPELÃO - De Igreja, tem o nome.

WÁNDIA - (COMENDO POLICIOSAMENTE) Se se permite, a Igreja sempre cedeu para o lado das modernas conveniências.

CAPELÃO - Não duvide, de melhor, nenhuma até. Basta saber, neste caso, qual é melhor - conservadora, se quiser se manter a qualquer. Afinal de contas ela insiste em dizer que foi criada por Deus e seus Santos.

WÁNDIA - (RINDO) É conveniente dizer?

CAPELÃO - Certamente que não. Mas procedemos com cautela.

- WARWICK - Admiro a respeito a vossa compreensão de leis, mas deploro a vossa ignorância de política. (RITÓRICO DE TERNURA DO CAPELÃO) Com toda a respeito que vos tenho e devo, deve legítimar-vos que a política é uma ciência exata, porém um mal necessário.
- CAPELÃO - Não para a Igreja.
- WARWICK - (SORRINDO) Por isso mesmo não a respeito, não é verdade?
- CAPELÃO - A Igreja será sempre triunfante!
- WARWICK - Deu disse. Mas a conta de quantas vítimas?
- CAPELÃO - A causa dos nossos mártires sempre foi sagrada.
- WARWICK - (SORRINDO SEVERAMENTE) Para um país, os seus mártires também não esquecem. Se me permite, é toda uma questão de ponto de vista. A política de um Estado não pode admitir circunstâncias quando não um fim. Também a Igreja adota a mesma "política", se me permite... (O CAPELÃO ENTRA MORMURANDO, MAS É INTERROMPIDO PELA CHEGADA DE PEDRO CAUCHON E O INQUISIDOR)
- CAUCHON - (CORRENDO-SE AO CAPELÃO) Alguns problemas?
- WARWICK - (NOTANDO-SE À FALA DO CAPELÃO) Não. Discutíamos, com bons amigos, os interesses paralelos e singulares entre a Igreja e o Estado.
- CAUCHON - (SURPRESO, MAS TOMANDO UMA ATITUDE DEFENSIVA) Não creio que sejam tão similares. Paralelos, talvez. Mas com uma grande diferença: o poder de Deus será sempre infinitamente maior que o dos homens.
- WARWICK - (FIRMO) Basta saber os laços os homens acreditam em Deus...
- INQUISIDOR - (ADMITINDO O DESAFIO) Se não acreditais em Deus permite-me perguntar-vos que faréis no recinto de um Tribunal eclesialístico.
- WARWICK - Interesses políticos, óbvios.
- INQUISIDOR - Aqui?
- WARWICK - Assim como a Igreja, o Estado vive em qualquer setor onde tenha interesse.
- INQUISIDOR - Mas que permite-me uma nova pergunta: qual o vosso interesse nesse momento, aqui?
- CAPELÃO - Jesus Cristo.
- INQUISIDOR - (CORRENDO-SE DE BRUSO) Ah! ...
- WARWICK - Se me permite, não são apenas interesses políticos, mas também financeiros. Afinal os custos gerais a Igreja por uma boa questão a tenho presos em mãos quando terá o recompensar.
- CAUCHON - Qual recompensa?
- WARWICK - De sua condenação, é claro.
- INQUISIDOR - (SORRINDO, PORÉM SÉRIO) Mas não ninguém poderá vos garantir que será condenada.

- WARRICK - Que eu saiba a Igreja nunca foi considerada com ninguém. A Igreja inglesa tem feito milhares de vítimas. Teriam todos as mesmas culpas?
- CAPLÃO - [FAZENDO UM GESTO BASTO COM AS MÃOS] Chá lá não... Mas a coisa desta mulher é diferente. WARRICK disse PARA ELI COMO QUEM ACORDA UMA EXPLICAÇÃO. Ela tem o povo a seu lado, e a Igreja, como sabem, não pode abrir mão do povo. É a sua razão de ser, é sua força, através da qual ela conquistou todos os poderes. A sua força, através da qual ela conquistou todos os poderes.
- WARRICK - [SÓCIO] Pela que entende, todos os clérigos ainda são indivíduos quando a condenação...
- CAPLÃO - [FIRME] Não. Indistintamente. Apenas digo que a Igreja, e não, seus juizes e representantes, deve ser considerada, porque este é um caso especial.
- WARRICK - [OSCURO] Especial? É apenas mais uma feitiçaria!
- CAPLÃO - [COM CERTEza] Pela qual o senhor ainda pagou uma boa quantia...
- WARRICK - Sem saber os motivos.
- CAPLÃO - E eu estou tentando lhe explicar os motivos da Igreja.
- WARRICK - Deu falta de saber-lhe!
- CAPLÃO - Mesmo antes de se-la entregar?
- WARRICK - Não é possível ser muito inteligente sem muita vontade para perceber.
- CAPLÃO - Nesse caso por que não a levou diretamente à Inglaterra para que fosse julgada lá, e por um tribunal público?
- WARRICK - Sem o saber porque.
- CAPLÃO - Claro que sim. Todosariam em dúvida o julgamento. Fosse qual fosse a decisão, se tem que, não resta dúvida, seria seguramente condenada.
- WARRICK - Prefere dizer que foi um gesto nobre de não se-la entregar aos ingleses para ser julgada em seu país.
- CAPLÃO - Eu preferiria dizer que foi um gesto inteligente e astuto...
- WARRICK - Se preferia.
- CAPLÃO - Não, não prefiro. É como seja a questão. Não lhe entregamos a acusada, mas esperamos que seja condenada... Não é assim?
- WARRICK - Sem poderia ser de outro modo.
- CAPLÃO - E se não?
- WARRICK - [DECISIVO] Nesse caso, Excelência, devemos esquecer a questão que a nobreza inglesa não admite a injustiça. Quando esse caso é repellido não a fazemos com as prisioneiras não.
- CAPLÃO - Não acredito que o conseguirá.

WARWICK - Se não for, como poderá explicar a Igreja tantas lutas por
nossas almas em praça pública por motivos tão menores de
que os tem agora?

INQUISIDOR- Segundo os carões, é um assunto novo e que só a nós diz
resposta.

WARWICK - Talvez não seja somente isso.

INQUISIDOR- Não? E de que mais?

WARWICK - (PREOCUPADO COM A SUA) Não é somente ainda das posições
do Vaticano que se estão litigando. Os corredores palaciaes
tem estado excitantes armadilhas, especulações, seria bom que
você lembrasse disso durante o julgamento.

INQUISIDOR- (SÉRIO) Deve considerar isso uma ameaça, não?

WARWICK - Não, apenas uma advertência.

INQUISIDOR- É só?

WARWICK - Por enquanto.

INQUISIDOR- Nesse caso, se não vos ofendeis, ficarei grato se tiverdes
a paciência de aguardar o resultado longo daqui.

WARWICK - E vai demorar?

INQUISIDOR- Se vos satisfizesse por mais tempo demorará ainda mais. Já me
deixei seduzir a ideia quando o relatório estiver livre de
pessoas estranhas.

WARWICK - (SUSPIRO) Mas, não sou um estorvo. Sou o amigo de Warwick.

INQUISIDOR- (SOLTO UM LEVE SORRISO) Sai-a perfeitamente. Mas a larg
ja a desobediência.

WARWICK - (INTENCIONALMENTE) Não por muito tempo.

INQUISIDOR- (FAZENDO UM GESTO RÁPIDO COM AS MÃOS ENQUANTO SONRI INCONFES
SAMENTE) Esperamos, então... (NOVAMENTE SÉRIO) É agora, se
nos permite... (DELICADAMENTE INDEIC-LHE A SAÍDA. WARWICK
FAZ UMA RÁPIDA E LEVE REFERÊNCIA E SAI ALTOSS. O CAPELÃO
APROXIMA-SE PARA EXPLICAR AO INQUISIDOR NES ESTE O DETEM
COM A MÃO) Sem explicações, irmão. Já estamos atarefados.
(AO ESCRIBA, QUE SEM ENTRARDO) Espere que esteja com as li
vros em ordem para evitar maiores distrações. (AO CAPELÃO IN
TENCIONALMENTE) Parece que há uma grande preocupação de ter
desse em saber logo com este julgamento. (ENCARINHÁ-SE PARA
OCUPAR SEU LUGAR QUANDO CAUCHON SEM AO SEU ENCONTRO).

CAUCHON - Por onde começamos, excelências?

INQUISIDOR- (SEM SE INTERROMPER E SEM OLHÁ-LO, RESPONDE SECO) De começo
naturalmente. (SORTA-SE IMPETUOSO E SÉRIO. CAUCHON, MES
MO QUE DESSEJA VAI OCUPAR O SEU LUGAR. O MESMO FAZENDO O
CAPELÃO E O DOMINICANO QUE ACABA DE ENTRAR APRESSADO QUANDO
TODOS, ALIÁS, JÁ ESTÃO A NOTOS. O INQUISIDOR FAZ ENTÃO UM
LEVE GESTO A CAUCHON E ESTE AO DOMINICANO).

CAUCHON - Passa-a adorar.
(O DOMINGUÃO ENCONTRA-SE PARA A SÉTIMA DO MESMO TEMPO QUE A LUZ VAI DESLINDO-SE EM RESISTÊNCIA ATÉ A COMPLETA ESCURECIMENTO. VOLTÀ EM SEGUNDA PARA ILUMINAR MOMENTO DE RECONHECIMENTO QUE OUBA A MESMA PESSOA DO CAUCHON E JOANA QUE ESTÁ DE MÓ, DIANTE DELE).

Quando a luz volta estão todos exatamente nos seus lugares: O INQUISIDOR, CAUCHON, o CAPELÃO, o DOMINGUÃO e JOANA. O mesmo ambiente frio e sinistro.

CAUCHON - Extenso esperando, Joana.

JOANA - O quê?

CAUCHON - Tua resposta.

JOANA - Passa. Tu não oustei.

CAUCHON - (DERECS DE OLHOS PARA O INQUISIDOR) Perguntei se sabes que estás aqui como legítimo representante da Igreja Católica e conseqüentemente de Cristo?

JOANA - Foi o que me disseram.

CAUCHON - Por que então respondes não imediatamente aos representantes de Deus?

JOANA - Não sei falar de outro jeito.

CAUCHON - Era assim que tratavas nos teus aldeões?

JOANA - Sim, assim que sim, só que lá eu queria porque era feliz. Aqui eu sofro.

CAUCHON - Sofres?

JOANA - Desde que cheguei, quando fui recebida por estranhos que não eram dignos de tocar em mim porque eu via divertindo - se promiscuamente com os catadores e guardas. Depois me fecharam numa cela que mais se parecia a uma prisão. E como eu não bastasse passaram-me uma grossa corrente no pescoço, sobre os ombros e sobre as pernas e nas mãos, como se eu fosse um animal. Fiquei muitas chagas. Estou toda ferida.

CAUCHON - Fomos obrigados a isso. Queria fugir.

JOANA - Mas não é tudo. Sou humilhada a cada instante pelas carcerais. Sei que já teria corrido se não tivesse ajuda do céu.

CAUCHON - E os santos? Que fazem eles que não vêm ao teu auxílio? Sem eles, sem Deus.

JOANA - Não quer que eu ouça a sua vontade. (DOMINGUÃO ENCONTROU-SE E FALANDO COM TOM BAIXO) Sei perfeitamente que os ingleses me farão morrer, pensando que depois de minha morte se sagdouão do reino de França. Sejam eles, porém, com mil vezes mais numerosos e ainda assim não terão a vitória.

INQUISIDOR - (FALANDO FRAQUENTEL, SEM OLHAR A LUZ) Não estás nas mãos dos ingleses, estás nas mãos dos judeus que representam a Igreja.

Abre-se o coro com a sala escura, de modo que se ouça o barulho iluminar-se as personagens sucessivamente na mesma posição em que estavam quando o CORDEIRO veio para buscar JOANA. A diferença é que ela está encostada nos pontos, próximo ao CACHOIRO e não ao centro da sala, vestida numa banquetinga branca. JOA não está nada intimidada. Percute-se a cortina, que já deve estar acostumada a compor-se ao local, muita coisa parece sentir falta e desconforto, a que não acordou com as dobras, que certamente perfeitamente é verdade. Também não pareceu impiedosa. Afinal estão acostumados a esse tipo de julgamento. Isten e que fazem, onde estão e o que pretendem alcançar, certos, como sempre, de atingir seus objetivos, neg ou que surjam alguns impedimentos. É apenas uma questão de tempo, de chegar lá. Por isso tudo o que dizem e fazem parece ser tudo premeditado, cuidadoso inclusive as eventuais reviravoltas. É os autômatos cirurgiões, o que pretendem é fazer uma perfeita cirurgia, uma amputação completa, fibra por fibra, uma anatomia que não deixe a menor margem de dúvida, um cartum sagrado e para ninguém. Eles são frios e calculistas, porém conscientes de suas responsabilidades perante o mundo. Isso talvez justifique certas falas pronunciadas com voz suave, quase paternal, como a primeira pergunta que CACHOIRO faz a JOANA depois de Flávia ter insistido:

- CACHOIRO - Tu és católica?
- JOANA - (SOLUCIONANDO UM LIVRO ABERTO DESELESTADOR) Claro que sim. Sou a filha do Padre.
- CACHOIRO - Não sou apenas o filho do Padre. Sou também teu pai e teu...
- JOANA - Juro?
- CACHOIRO - Sim. Por ordem do seu Papado Carlos VIII, rei de França.
- JOANA - (REPETINDO PARA SI MESMA) Rei de França.
- CACHOIRO - E é em nome dele e da Santa Madre Igreja que pergunto se quer jurar com as mãos sobre os Santos Evangelhos que responderá não com a verdade a tudo quanto te for perguntado.
- JOANA - (NATURALMENTE) Não sei a que resposta gostaria de responder.
- CACHOIRO - Sabes, sim.
- JOANA - Não, não sei. pois a cada dia que me tiram aqui do fim me perguntando, antes de vir, sobre o que me irão perguntar e o que lhes responder. Não é fácil, parece cruel.
- CACHOIRO - Seria fácil se os colaboradores fossem.
- JOANA - (SOLUCIONANDO-O) Calamores?
- CACHOIRO - Se responderes a todas as minhas perguntas tudo seria mais fácil.
- JOANA - Para mim ou para os outros?
- CACHOIRO - Para todos, é claro. Nada é mais importante que a verdade. Fugamos todos todos.

JOANA - Mas eu já disse que há certas coisas que não posso dizer.
CAUCHON - Por exemplo?
JOANA - Quando chegar a hora eu direi.
CAUCHON - Mas esta é a hora.
JOANA - De quê?
CAUCHON - De verdade.
JOANA - Quanto a isso podeis ficar tranqüilo. Nunca menti.
CAUCHON - Fica certeira?
JOANA - Absoluta.
CAUCHON - Então vamos ver...
JOANA - (RÁPIDA) Se quiser saber quem é meu pai e minha mãe, eu digo. Se se perguntarem o que é que eu fazia lá na minha cidade, eu conto. Se quiserem saber quem são meus amigos...
CAUCHON - Isso já sabemos. Estamos cansados de saber.
JOANA - Claro que sim. Vandalizaram minha vida desde que nasci até agora. Matariam gente em todos os lugares onde estivesse e ficaram só perguntas. Descobriram muita coisa eu sei.
CAUCHON - Bem mais do que imaginas.
JOANA - (DIABOLICO) Mesmo o que mais gostaria de saber, não é mesmo?
Mas quanto a isso não vou falar.
CAUCHON - Isso o quê?
JOANA - Sobre a questão que me foi confiada. Isso é segredo.
CAUCHON - (Depois de olhar significativamente para o INQUISIDOR) Sim, sim, minha, sabes perfeitamente que hesitamos de conseguir toda a verdade.
JOANA - Nunca, mas que me cortem a cabeça.
CAUCHON - Mas está para o teu príncipe não.
JOANA - Meu bem? Então eu vejo o que fazem com uma pobre gente que está encarcerada como eu?
CAUCHON - (INDETERMINADO) E o que fazem com eles?
JOANA - Não sabem? (SOMM) Não!! (MORM) Todos sabem, todos. Eu sei há umas horas de vez aqui. Mas agora, que estou em casa,agora vou ver com meus próprios olhos. (Arrastando-se) Oh horror!
CAUCHON - Não posso acreditar que seja tão triste assim...
JOANA - Não? Será que não viu mesmo?
CAUCHON - Não, é que fazem com os presos?
JOANA - Espalham-lhes agulhas pelo corpo todo. Agulhas com todos os dias, e quando estão em carne viva molham-nas com água e sal.
CAUCHON - Para não coarçar. Pelo fato de serem agulhas não quer dizer que não tenham de suas folhas.
JOANA - Para que tratar dos feridos se no dia seguinte botam de novo.
CAUCHON - Para que confessem.

- JONAS - Confessar a quê? A mulher que está encarcerada de novo, isso é novidade de feitura e todos sabem que isso não é verdade. Como é que ela pode confessar uma coisa que não é certa? Porque porque, mesmo que confesse, não há nada de novo nisso. A verdade está lá que é pelo o caso, não tem nada comido, ninguém-lhe os pés e as mãos, e o seu corpo está tão envergadeira. Vai dizer que vão lhe arrancar a língua.
- CAPELLÃO - Então com medo?
- JONAS - Então, estou com medo sim, se é isso que vocês sabem.
- CAPELLÃO - Medo de quê?
- JONAS - Que façam comigo o que fazem com os outros.
- CRUCHON - Não não queremos que te façam nada. Não o rei. Por isso ele nos chamou. Para constatar e mostrar a todos que não tem culpa alguma, que é inocente.
- JONAS - É ou sou inocente?
- CRUCHON - Não acreditamos
- JONAS - Acreditam mesmo?
- CRUCHON - Se não acreditarmos já teriam sido torturados. E não ser que tenham sido com o mesmo procedimento, fizeram alguma coisa?
- JONAS - Não. Por enquanto não. Mas quem te garante que não vou ser?
- CRUCHON - Não.
- JONAS - Mas então por que não mandam embora, se não tenho culpa de nada.
- CRUCHON - Precisamos provar a todos que és de fato inocente.
- JONAS - Como?
- CRUCHON - Jurando dizer a verdade.
- JONAS - Juro.
- CRUCHON - Então se sentas e aguardas?
- JONAS - Por que estou se sentas aguardas?
- CRUCHON - Porque é a única forma de provarmos a todos a tua inocência. Temos que nos vergueir, provando que foste julgado segundo os rituais da Santa Santa Igreja.
- JONAS - Então sim.
- CAPELLÃO - Afinal, quem diz a verdade não tem medo de jurar.
- JONAS - Então sim, eu digo que juro.
- (CRUCHON FAZ UM SINAL DE ASSENTIMENTO AO CAPELLÃO E DEPOIS AO DOMINICANO, QUE VAI ATÉ ELA ESTENDENDO-LHE O LIVRO)
- CAPELLÃO - Quero responder com a verdade a tudo quanto te for perguntado?
- JONAS - Juro (O DOMINICANO VOLTA A OLHAR SEUS OLHOS)
- CAPELLÃO - Qual é o teu nome?
- JONAS - Já o sabes.
- CAPELLÃO - Não faço perguntas. Responde apenas.

- JOANA - É Joana, 1,ª de Maria. O.ª Mãe é a mãe de meu pai, e de meus irmãos também.
- CAPILÃO - Não tinham outras mães na família?
- JOANA - Na minha terra se chamavam de Donzinas. Ouçás, quando mães, de Joana. Os avós delas também se chamavam de Joana (SORRIM - OO) Pense não vias que eu era Joana cheia de graça...
- CAPILÃO - Isto é uma blasfêmia! Criança de graça é a virgem Maria!
- JOANA - Ela também?
- (OO JOANA ENTREGAM-SE A LER)
- CAPILÃO - Apenas ela, mãe de Deus, é que pode ser chamada cheia de graça!
- JOANA - (DESCORRIDENTE) Não sabia...
- CAPILÃO - Onde nasceste?
- JOANA - Em Senzarya, na Larama.
- CAPILÃO - Foste batizada?
- JOANA - Claro que sim, eu tenho um nome. Foi batizada quando era bem pequena.
- CAPILÃO - Quantos anos tens?
- JOANA - Aho que tanta diferença.
- CAPILÃO - Quantos?
- JOANA - Não sei direito... Pense não diria que eu tinha dezito, mas já faz tempo que não se conta.
- CAPILÃO - É que fazias lá?
- JOANA - Faltas coisas: foice, lavra roupa, cuidados das crianças de meu pai, cozinhar...
- CAPILÃO - Cantavas alguma canção?
- JOANA - Se que minha mãe me ensinou. O pai nunca...
- INQUISIDOR - (MULHERES, MOMÊS SEM OLHAR A VOLT) Quem tem pacto com o diabo não sabe cantar. Fala melhor não sabe.
- JOANA - Isso quem tem pacto com o diabo, (FINGENDO-SE ADOLESCENTE) Eu não tenho.
- INQUISIDOR - (CROCANDO UM LÍRIO VERMELHO) Então não.
- JOANA - Não?
- INQUISIDOR - (SERENANDO INESPERADAMENTE) Aqui!
- JOANA - (DESCORRIDENTE) Se eu quiser, não deixo que eu me confesse.
- (DIRIGINDO-SE A CAUCHON) Agora se confessa.
- CAUCHON - Não deixo tempo. Joana, não deixo tempo. Por enquanto li-mite-se a responder.
- DOMINICANO - É preciso que sejas humilde e que te submetas sem delaya à vontade deste tribunal.
- CAPILÃO - Não representamos a vontade de Deus, senhor.
- JOANA - Tendes prova disso?
- CAPILÃO - (IRRITADO) Calá-te!

- JOANA - Mas se não me mandam falar e outros calar a boca, a que é que devo fazer? Falar ou ficar calada?
- CACHION - É uma indecisão, Joana.
- JOANA - Eu não sei a que é isso.
- CACHION - Não queres te submeter a nada. Mas sabes à certeza, de onde gostavas de fugir. Por quê?
- JOANA - Ninguém gosta de se sentir preso. Mas mesmo se quissem. E eu, senhor, não sei por que livro. Livro como um pássaro, correr pelas montanhas e brincar nas rias e nas árvores, não para ficar preso numa gaiola.
- CACHION - É preciso recuperar a liberdade.
- JOANA - A liberdade, senhor, é a mais sagrada das coisas.
- CACHION - Quem te ensinou isso?
- JOANA - Ninguém. A gente já nasce sabendo. Se eu tiver que ficar preso prefiro morrer, e se eu não puder falar o que penso, de que me vale a liberdade?
- CACHION - É muito simples. Se quiseres ter livre até ao pensamento agarras-me a mim.
- JOANA - Mas eu não sei a que os outros pensam.
- CACHION - Não pensamos como o rei, senão, que é quem manda em todos nós. Ele pensa por nós.
- JOANA - Pensa por nós?
- CACHION - Não só pensa. Também fala e age. Ele é quem manda. Por isso ele é o rei.
- JOANA - Pensar por nós, agir como nós? Então por que viver?
- CACHION - Para sobreviver. Semos mais sábios, não somos?
- JOANA - (CORAÇA) Sim, somos... Mas viver semos já, sem liberdade, vigiados em tudo o que a gente faz e até naquilo que a gente pensa... Mas então, por que viver?
- CACHION - Gostas de viver, então, mas preferes morrer? É isso?
- JOANA - Não, não quero morrer. Quero ser livre!
- CACHION - Então fala a verdade.
- JOANA - Que verdade?
- INQUISIÇÃO - (SOLINE) De quem eram as vozes?
- JOANA - De Santa Margarida, Santa Caterina e São Miguel.
- INQUISIÇÃO - Como sabes que eram delas?
- JOANA - Elas disseram.
- INQUISIÇÃO - Falando com elas?
- JOANA - Claro que não. Muitas vezes.
- INQUISIÇÃO - Onde?
- JOANA - Em muitos lugares. Em casa. Na igreja. No campo.
- INQUISIÇÃO - Mas foram elas no campo? Fantaseavas?
- JOANA - Claro que não.
- INQUISIÇÃO - Mas falas então?
- JOANA - Não sei. Por que não perguntais a elas?
- INQUISIÇÃO - Porque elas não ouvem a mim.

JOANA - É por quê?

INQUISIDOR - Certamente porque tenho um nome. Tenho joia. Ando na es-
mola de Deus e não do diabo.

JOANA - Mas diga então que eu ando na esmola do diabo?

INQUISIDOR - Porquê.

JOANA - É porque Santa Margarida, Santa Cecília e São Miguel?

INQUISIDOR - Não eram elas. Ejam devotas.

JOANA - Então não são santas?

INQUISIDOR - É como sabem vossas?

JOANA - E sabem, como sabem da igreja, não sabe distinguir São Mi-
guel do diabo?

INQUISIDOR - Se continuarem de insultando eu te mandarei de volta à
prisão.

JOANA - Perdão. Não queria que...

CAPILÃO - Tu perdes demais, Joana.

JOANA - É é proibido?

CAPILÃO - Que disculpas me dadas?

JOANA - Que não tivesse nada, que libertasse a França.

CAPILÃO - De quem?

JOANA - Das inglesas. Por isso não tem o seu próprio país. Ninguém
tem o direito de expulsar ninguém. Faltam apenas as terras
que não lhe pertencem.

CAPILÃO - Os senhores disseram isso?

JOANA - Óbvio.

CAPILÃO - E qual foi a tua resposta?

JOANA - Que eu não sabia lutar.

CAPILÃO - Mas não sabia lutar?

JOANA - Insultava, não sabia. Eu disseco meu cabelo, sou uma pa-
vosa menina que não sabe andar a cavalo, como gostaria que
eu lutar. Ela respondeu não te deixarei carregar. Já eu dig
sei não a carregar que eu faço. É que com sei que fazer,
onde ir. Nunca sei de nada. Ela então me respondeu que
me queriam. Falai. Expliquai. Mas de nada adiantou. Com-
tinuaram dizendo que eu devia ir.

CAPILÃO - Falaste tudo isso a tua mãe?

JOANA - Falai. Expliquai. Tenho até uma tremenda noção que até
hoje não me contas.

CAPILÃO - Por isso fugiste de casa.

JOANA - Não fui por isso mesmo. Já tinha conhecido antes. Fui por
que era a única maneira de atender São Miguel. Estava lá
tudo das mulheres quando ele apareceu e disse: É preciso
que não insultassemos a Universidade e prestes por dentro,
certo. Ele te ajudará a ir a China.

INQUISIDOR - Quem é Universidade?

JOANA - É preciso se defender.

INQUISITOR - É não se render?

JOANA - Foi obrigada.

INQUISITOR - Por quem?

JOANA - Por São Miguel.

INQUISITOR - Ah, São Miguel foi condego?

JOANA - Não, claro que não. Quem foi condego foi João de Faria.

INQUISITOR - Também obrigada por São Miguel?

JOANA - Não, não é nada disso. Porque que ninguém entende... Eu falei sozinho com ele. Disse que precisava ir sozinho, que não sabia. Falei tanto que ele acabou se levando.

INQUISITOR - E lá foram recebidos por esse tal de Beauchricourt.

JOANA - Foi.

INQUISITOR - Na mesma hora ele se deu um esmoito e se voltou para você, vir à frente. Tu, seu amigo João de tal e São Miguel.

JOANA - Porque falava muito sozinho? Então que não foi assim.

INQUISITOR - Não, não era como foi. É preciso que nos explique.

JOANA - Beauchricourt não queria nos receber. Mas eu disse: vou ficar plantado aqui na porta até que ele se decida. E foi. Então é com ele mesmo, duas noites e dois dias, até que os soldados de cidade um soldado veio nos chamar. [MUDA MÚSICA DE FUNDO]

BEAUCHRICOURT - Afraid, que queras de más? Já dizendo logo, que não tenho tempo a perder.

JOANA - Sim eu. Também tanto pressa.

BEAUCHRICOURT - Ah não? Tanto pressa que ficaste dois dias e duas noites perambulando por aí com os soldados?

JOANA - Ficar muito longe de nós queríamos nos receber?

BEAUCHRICOURT - Se for receber todos os malucos que se produzem, quem é que vai cuidar dos negócios de cidade? [BATEMOS-QUE IN-TIMAMENTE NA PÉRRA] E os soldados, hein? Que tal, muitas farras?

JOANA - [CRISTIANO-DE] Lento dos soldados, mas não houve farras nenhuma, não senhor. Apenas conversações.

BEAUCHRICOURT - Ah, sim? E sobre o quê?

JOANA - Muitas coisas, a guerra, os lutas... Foi um bom diálogo. Então muito bem tratados, senhor.

BEAUCHRICOURT - Budete. Logo pensa não foi outra coisa muito comum, dormir e tratar dos negócios. Não paga para isso.

JOANA - É para lutar.

BEAUCHRICOURT - Claro, quando é preciso.

JOANA - É não os países que é obrigada a lutar?

BEAUCHRICOURT - De quê?

JOANA - De lutar.

CARLOS - Está certo. Ama teu paião. Quem sabe!

TREMPOUILLE - Por falta de dinheiro é que a carta não vai deixar de se eu sair.

CARLOS - Ama mesmo? É onde é que está?

TREMPOUILLE - Aqui. Tu sou um filho.

CARLOS - (MISTO BALANÇO E SE) É mesmo engraçada.

TREMPOUILLE - Só que eu não vejo a graça.

ANA - Bem lá. Quem a far não pode ver.

CARLOS - Muita bem, minha, muita bem!

ANA - Então paga para ele se dar o dinheiro para que eu compre um tecido e um vestido. Se realidade precária de não mas como as finanças estão mal, acho que devemos dar o exemplo de economia. Comprarei um ao vez de dois.

CARLOS - Fazas bem, minha, fazas bem. Se é para mim que te sofri, bem, dige-me que ficas muito mais bonita sem roupa (TREMPOUILLE PARA LA TREMPOUILLE) Para que não possam ver-te assim. É uma formatura, La Trempouille!

ANA - Então posso comprar?

CARLOS - Pode.

TREMPOUILLE - É o dinheiro?

CARLOS - Então a um dos soldados que mata a meretriz e assim resolverá o problema. (OLHA PARA ANA E PARA LA TREMPOUILLE PARA VER A REACÇÃO DOS DOIS).

TREMPOUILLE - Agora que é o tal por culpa?

CARLOS - Será uma boca e meretriz para alimentar. Não disse que está mas não comica?

TREMPOUILLE - Disse que estava sem dinheiro.

CARLOS - Não é a mesma coisa?

TREMPOUILLE - Não. A situação que estamos, não o dinheiro mesmo.

CARLOS - Então a que devemos fazer?

TREMPOUILLE - Não sei... É sei não sou eu.

CARLOS - É eu sou?

TREMPOUILLE - Enquanto os ingleses não tomarem toda a França continuará sendo. É não sei que decide a situação logo tudo se uma vez.

CARLOS - Então sabem?

TREMPOUILLE - Ainda não sabem muita coisa. Compreendo muito parte, acho que os ingleses não tiveram muita. É propósito, muitas de vezes assinatura pensando-se a verdade de China.

CARLOS - Obrigado?

TREMPOUILLE - Existe algum outro?

CARLOS - Não deve tanto assim?

TREMPOUILLE - Não pago outra coisa então pagar contas. Paga comida, roupa, soldados....

CARLOS - « Então, La Tremouille, sabia. Preparamos melhor quem é o que
você é.

TREMOUTILLE - « Para quê?

CARLOS - « Não... Quem sabe nos passa por João.

TREMOUTILLE - « Se for para levar nossas coisas, já temos gente de casa.

CARLOS - « Quem sabe viras para levar nossas coisas...

TREMOUTILLE - « Para quê, se já não tem mais nada?»

CARLOS - « É onde guarda o dinheiro, não?» (IMITANDO-LHE NA FALA)
«A» no café?... (RIS)

TREMOUTILLE - « Que dinheiro? Não mais de um mês semo dizendo que acabou.

CARLOS - « Não?»

TREMOUTILLE - « (MOSTRANDO OS BOLSEOS VAZIOS) Nada.

ANA - « É o mercado, que está esvaziando?

CARLOS - « Esperando o quê?

ANA - « Dinheiro é coisa.

CARLOS - « Mas só se fala em dinheiro neste caso?

TREMOUTILLE - « É que ele é muito importante, Margaret. Sem dinheiro, que
de nada, não se faz nada. Sem o pai com, sem a mãe
paga seus custos.

CARLOS - « Sem o corredeiro entre seus bolsos.

TREMOUTILLE - « Então viras, já conhece.

ANA - « Mas eu preciso comprar uma porção de coisas.

CARLOS - « Compra e pague depois.

ANA - « Eu não quero.

CARLOS - « Como não quer? Quem sabe aqui aqui vai (COM O OLHAR PODE A
APROVAÇÃO DE LA TREMOUTILLE) não é mesmo?

TREMOUTILLE - « As vezes.

CARLOS - « Como assim?

TREMOUTILLE - « Ser deixado converter muito facilmente. Principalmente por
gente que se diz nossa amiga e que na realidade não é.

CARLOS - « Quem?

TREMOUTILLE - « Desconhecidos é um coisa. Já disse que deveríamos trazer o
comando do condado de Vasconcelos e no entanto não permito
nada lá.

CARLOS - « Não tem feito nada de nada.

TREMOUTILLE - « Por isso mesmo. Não acha que deveria fazer?

CARLOS - « É quê?

TREMOUTILLE - « Reclamar os cavalos, reclamar os galinhas, ovos, coelhos, e
tudo o que mandou ao lugar disso?

CARLOS - « (Rindo) Uma coisa.

TREMOUTILLE - « Não seja gente estúpida.

ANA - « Quem sabe ele seja enganado, La Tremouille. Não sabemos
nada sem a boca da mãe.

JORNA - Qual?

BERGONICOURT - Essa de manter o couro. Se te derdes e mantiver, que é o que conta que vai acontecer, não tanto nada com isso. Levo as mãos e te despocho com um pontapé na bunda e com a certeza de que não terá feito nada errado.

JORNA - Não vai acontecer isso.

BERGONICOURT - Não seria tanta certeza de conseguir?

JORNA - Se o conselho me disse que aqui estaria ajuda, não há por ser dúvida.

BERGONICOURT - É, quem sabe te ajude a manter o couro.

JORNA - Não está quando vir aqui e conseguir esse couro.

BERGONICOURT - De fato... (Ri)

JORNA - De que estais rindo?

BERGONICOURT - De pago que vou pagar a La Tremouille...

JORNA - Quem é?

BERGONICOURT - Um velho grande que tem a pampa cheia de dinheiro e que não faz outra coisa senão incorporar os condados com impostos e coisas (COM PAULICIA) pois gosta disso. Tanto certeza.

JORNA - Por que não? Não porque vou precisar de sua ajuda.

BERGONICOURT - Ah, vale... Não temo a menor dúvida... (JORNA PAULICIA) E vai saber, enquanto faz um sinal a JORNA PARA QUE O ACCORDADO) Além, de quaisquer convênios a ele terá que convencer-se primeiro... De ministro é um ministro... (RIDE. DA FESTA) DE LUI SE FAZEM TEMPO EM QUE ENTÃO, PELO LADO OPERTO, LA TREMOUILLE, NEGRO DA MALHA E DO MUI).

BERGONICOURT - Não ajuda? Nunca nada é que vou arranjar dinheiro?

CARLOS - Dinheiro? Para quê?

BERGONICOURT - Para que tem uma menina que quer falar comigo.

CARLOS - Quem é?

ANA - Não sei. Gosto de Bela foi quem falou.

CARLOS - É o que ela quer?

BERGONICOURT - Um negócio.

CARLOS - Então de-lhe... (ACORDADO) é que?

BERGONICOURT - Um negócio.

CARLOS - De verdade?

ANA - De brincadeira é que não pode ser, Carlomagno.

CARLOS - Por que não, só é uma menina. E não se chama de Carlomagno. Já disse que não gosto. (A LA TREMOUILLE) Quem é ela?

BERGONICOURT - Uma menina que vem dos Vosges.

CARLOS - Enviada por Bergoncourt?

BERGONICOURT - Só podia ser. Faltava que enviasse mais dinheiro e mantivesse a um vez disse manda-te essa peste.

JOANA - Sede de estudar, senhor. Pelo menos não posso estudar. (OLHA PARA O RELÓGIO) Sem mais...

BEAUCHRICOURT - (PAUSADO) Sim...

JOANA - Faça uma proposta.

BEAUCHRICOURT - Certo.

JOANA - Pierre me disse que o cavalo branco é impossível, que não ~~se~~ consegue montar.

BEAUCHRICOURT - Que é Pierre?

JOANA - O dos livros antigos. Não o conhece?

BEAUCHRICOURT - Não tenho.

JOANA - O encarregado das cavalarias.

BEAUCHRICOURT - (COM MUITO INTERESSE) Sim, o... ah... O que foi que ele viu?

JOANA - Que ninguém conseguia ainda montar no Tróvão.

BEAUCHRICOURT - No Tróvão branco? Claro que não. É um cavalo. (ENTÃO, COM MÓSTICA) Ainda sinto aqui a triste lembrança do dia em que tentei montá-lo.

JOANA - (CORRIGINDO) Pelo menos se eu conseguisse eu deixaria ir a Chénoua com ele?

BEAUCHRICOURT - Com o Tróvão (SI) nem tanto uma coisa dessas! Se eu quisesse, perdi a honra de não poder a cabeça. Não, não quero que morra aqui.

JOANA - Que é isso, capitão, esteja com medo?

BEAUCHRICOURT - Não, não estou com medo. Não quero é ter dor de cabeça com filhos.

JOANA - Foi de algum certo perigo com eu?

BEAUCHRICOURT - De uma morte. Não quero que se sinta de ter matado uma virgem. (PAUSADO) Não não estou aqui em vão...

JOANA - E se conseguisse montá-lo, eu deixaria ir a Chénoua com ele?

BEAUCHRICOURT - Com o Tróvão? Está louco?

JOANA - Com alguns soldados para se acompanharem, é lógico. Não pagou se lá alguém... (PAUSADO COM CONVICÇÃO) Então, vale a pena?

BEAUCHRICOURT - Já que não vejo a vantagem que posso levar. Se quiseres, se não conseguires montar o cavalo?

JOANA - Vá lá a guerra e não a recuso mais.

BEAUCHRICOURT - Pronto?

JOANA - Pronto.

BEAUCHRICOURT - (DISTINGUINDO-SE E NÃO DEPOIS DE UMA PLACENTA ESPERA DE UM CUSTO) Pronto. Espere pelo menos ter encontrado uma cabeça de se livrar de si nos melhores domos de cabeça. Já tentou se que a parte se chama. (ENTÃO) Quem sabe tenha sido uma boa ideia.

- JOANA - « (TORRE) Se contasse delatado de ser negrota, não é mesmo? »
- BEAUCHICOURT - « Por que a não podes contar? »
- JOANA - « (SOLUCINDO A CAMEÇA NEGATIVAMENTE) Ah, não, ... não mesmo. »
- BEAUCHICOURT - « Nem se te der o cavalo? »
- JOANA - « Não assim. »
- BEAUCHICOURT - « Então não seja com que continuamos conversando. [[INDICANDO A porta da rua é aberta. Os professores mais novos da escola chegaram mais tarde.]] »
- JOANA - « Fomos mais desta sala, registão, mas não de castela. Mesmo que me acressam para fora há de ficar rondando as muralhas até que se convence a me atender. »
- BEAUCHICOURT - « Desista que não conseguirás. »
- JOANA - « Eu não, mas a Cordeira há de fazer-la a isso. Pode ter certeza. »
- BEAUCHICOURT - « Tua teimosia é irresistível! »
- JOANA - « E que posso fazer? »
- BEAUCHICOURT - « Já estava. »
- JOANA - « Não posso. E que vou dizer às minhas senhoras? »
- BEAUCHICOURT - « Diga-lhes que venham me conversar pessoalmente. »
- JOANA - « Também que vão querer? »
- BEAUCHICOURT - « É o sinal que Santa Margarida dá-me que me daria? »
- JOANA - « Não foi Santa Margarida. Foi Santa Catarina. »
- BEAUCHICOURT - « Que seja, então? »
- JOANA - « Não sei. Ela falou que a cordeira estava escondida no fundo do a que... »
- BEAUCHICOURT - « Não seriam por acaso elas...? »
- JOANA - « Quem? »
- BEAUCHICOURT - « Sim, as meninas andavam muito preguiçosas ultimamente, e antes parecia que voltariam a ser. »
- JOANA - « Mulheres? »
- BEAUCHICOURT - « O normal, desde eu, acho que isto seria o bastante para me convencer? »
- JOANA - « (SOLUCINDO) Não ... »
- BEAUCHICOURT - « Qual, então? A não ser esta e o fato de eu ter te recado, não, nenhum outro milagre aconteceu aqui. »
- JOANA - « (ABRINDO) Já sei! »
- BEAUCHICOURT - « Qual? »
- JOANA - « Não é isso. Já sei como ir a Chinam! »
- BEAUCHICOURT - « Desses com os que andamos a te convencer a te dar um cavalo. »
- JOANA - « (SOLUCINDO) Não quero um cavalo. »
- BEAUCHICOURT - « Menos que não fossem mais virgens. »
- JOANA - « Não. »
- BEAUCHICOURT - « Tanto melhor. Até eu gosto de virgens. Quem sabe possam chegar a um acordo... »

- BERNARDICOURT - Só não vejo a que isso tem a ver comigo.
- JOANA - Pois eu vou lá pedir que me de tropas para salvar o rei lá.
- BERNARDICOURT - Tropas? Que tropas?
- JOANA - Soldados, é claro. Com quem mais iria lutar? Só com os valões não se vence a guerra.
- BERNARDICOURT - (OLHANDO-SE, AINDA SEM ENTENDER) Que dizer que queres lutar?
- JOANA - Pois que isso. Quero comandar o exército para vencer os ingleses. E coronar o rei na catedral de Reims.
- BERNARDICOURT - Tu vais fazer isso?
- JOANA - Sim. Digo que não se dá soldadas, cavalos e armas.
- BERNARDICOURT - É tu entendes alguma coisa disso?
- JOANA - Não. Mas sei que lá pelas meus vinhos, São Miguel diz-me que nos dará uma grande vitória em Orleans.
- BERNARDICOURT - Que mais?
- JOANA - Que o rei está coroado em Reims.
- BERNARDICOURT - (OLHANDO-SE E CORRENDO) Conseguiste a notícia com aqueles e não queres acreditar.
- JOANA - Só preciso que cumprir minha missão.
- BERNARDICOURT - (CONCILIATÓRIO) Calma, calma, calma disse, cá... Tu de lá és um santo, um absurdo. Nunca vai te levar a sério. Olha, eu te dou um cavalo, mas para voltar para casa, cá?
- JOANA - (FIRME) Não. Preciso ir adiante.
- BERNARDICOURT - É tes mais coisa perder tempo. Não teão permitir que te aproximes do castelo. É mesmo que conseguisses isso, a força de tropas, como fizeste contigo, ninguém te receberia. Nem lá trevasse, quanto mais o rei.
- JOANA - Pois eu tenho certeza.
- BERNARDICOURT - Só se forem mais milhares de cavaleiros.
- JOANA - Por acaso não sabes? (ELE OLHA PARA ELA) Também não sei que não se receberia... (SORRI)
- BERNARDICOURT - (SORRINDO TAMBÉM) Tens razão. Os milhares mesmo. Mas não se pode de te dar um cavalo. É muito mais soldadas.
- JOANA - Mas é preciso. São Miguel disse...
- BERNARDICOURT - Contaria de falar pessoalmente com o meu São Miguel. (PENSANDO) Não. São Miguel não. Pensando bem prefiro uma das minhas. Qual das duas é a mais bonita?
- JOANA - Comigo e melhor pode brincar. Com elas não, capitão. Não brinque com as coisas minhas. Voltar com a igreja é muito mais perigoso, não?
- BERNARDICOURT - (PENSANDO) Tá bom. Então vamos contigo. (UM TOU DE CORDÃO) Qual é o segredo que tens para voltar ao castelo?

- JOANA - Falei, via embora. Mas daí se deu uma surra e me proibiu de voltar ao campo. No dia seguinte, e no outro, e nos outros, foi Patrícia quem levou as doações. Eu fui aqui em casa ajudando mamãe. Mas quando ela veio a luz voltou de novo, junto da família...
- BERNARDICOURT - Era São Miguel.
- JOANA - Não, Santa Catarina.
- BERNARDICOURT - Santa Catarina?
- JOANA - Jesuíta, por que não atendas as minhas pedidas?... Que pedido, querias eu. Mas que talão, senhor, mas fia de corda que não lembres para ver o que ela te disser... É preciso que vás a Fomolmorte.
- BERNARDICOURT - É aqui então.
- JOANA - Mas foi difícil, senhor. Quando falei a minha mãe não ficou também no céu. Uma noite ela e seu pai conversaram muito e no dia seguinte se levaram ao péso da Igreja para que os berrassem. Então, quando estava saindo de novo apareceu a luz e Santa Margarida apareceu e disse a mesma coisa: é preciso que vás, Joana, é preciso, é preciso, é preciso...
- BERNARDICOURT - É preciso.
- JOANA - Ela e mais, mais ainda elas apareceram, onde quer que estivessem. Até no sonho, senhor. Sempre a mesma coisa, sempre a mesma ordem: vá Joana.
- BERNARDICOURT - Por isso fugiste de casa.
- JOANA - Sei que está errado, mas o que é que eu ia fazer? As minhas aparições e me diziam que simão, Puma não me errava. São Miguel também podia. Mas daí prometi ao meter. Por isso eu fugi. O que é que eu podia fazer. Me diga, o que é que eu podia fazer?
- BERNARDICOURT - (DEPOIS DE UM CURTO SILENCIO) Estás pensando na mulher que vais levar quando voltares.
- JOANA - Mas não vou voltar.
- BERNARDICOURT - Não?
- JOANA - Não antes de falar com o rei. Depois, então, eu volto.
- BERNARDICOURT - Antes que o rei vá te receber?
- JOANA - São Miguel diz que não.
- BERNARDICOURT - Mas eu digo que não.
- JOANA - Ahá, senhor?
- BERNARDICOURT - Antes que sim.. É preciso de que teia ela te receber? O rei só trata de assuntos importantes e com pessoas ligadas. Vá lá se ela vai encontrar tempo...
- JOANA - (INTERROMPENDO-O) É a salvação de França não é impor - lar? A sua corajosa não é importante?

- BEAUCHRICOURT - Nada de explicações.
- JOANA - Mas eu não vim aqui porque quis, por minha irmã e por minhas venturas...
- BEAUCHRICOURT - Pois diga-me quem te mandou que eu lhe daria uma lição para o resto da vida.
- JOANA - Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel.
- BEAUCHRICOURT - Ónegas?
- JOANA - Estava percorrendo os bairros de meu pai quando encontrei algumas portas atrás de mim, perto do rio...
- BEAUCHRICOURT - (INCRUADO JUNTO À PORTA) Guardai!
- JOANA - Não pude ver-las direito porque havia muita luz. Era meio dia de mais-dia e o sol aferrava os olhos. A armadura de São Miguel brilhava como se fosse ouro...
- BEAUCHRICOURT - (ATRAVESSA A CENA SEM LHE PRESTAR ATENÇÃO E VAI CAMINHAR EM OUTRA PORTA, NO LADO OPÓSTO) Mantenho de uma filha, ... Guardai!
- JOANA - Joana, filha de Deus, é possível que vás em socorro do Salim, para que vá, por teu Intercedido, salvar o reino de França... Estais falando comigo verdade?... Sim, Joana, não és a filha de Jacques d'Ance?... Sim, sou eu. Mas como queres que eu vá até o Salim se sou a donzela. Sou aqui ainda virgem... Na cidade de Chinon... É impossível. Como irás até lá?... Sou amigo João de Ritz te levará até Vannesburg e o capitão da cidade te dará um cavalo e alguns soldados... E não me esquecerás?... Sim porque eu lhe darei um sinal.
- BEAUCHRICOURT - Que sinal?
- JOANA - Não sei.
- BEAUCHRICOURT - E isso foi tudo?
- JOANA - Não, não foi. No dia seguinte ela voltou e repetiu a mensagem. Ela lhe disse que não seria recusada, e que se que fizesse, que nunca ninguém se daria ao trabalho.
- BEAUCHRICOURT - E assim?
- JOANA - (FALANDO PARA SIZIM, SEM SEM DE BECHING) São Miguel disse-me que havia feito os arranjos na cidade... É verdade?
- BEAUCHRICOURT - Como não haver feito os arranjos se a porta está aqui, ginto tudo ao mais, todas as dias.
- JOANA - Não como eis sabe.
- BEAUCHRICOURT - Isso não quer dizer nada. Continuar um caso que feito ao lado na cidade. Principalmente quando não querias.
- JOANA - Eu não sabia.
- BEAUCHRICOURT - E daí? Não falaste nada para teu pai?

- BEAUCHRICOURT - Contra quem?
- JOANA - Contra os ingleses.
- BEAUCHRICOURT - (OLHANDO-A) Não te parece que esta é um assunto de gente grande? Que andares dizer?
- JOANA - Não se que pensar. Foi para isso que vim aqui.
- BEAUCHRICOURT - Ah, éste! Para discutir contigo a guerra com os ingleses. Muita paz. Muita paz mesmo! (Pensa sobre quem te mandou?)
- JOANA - Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel...
- BEAUCHRICOURT - Espere aí. Espere aí. Quem foi mesmo?
- JOANA - Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel.
- BEAUCHRICOURT - Ah, compreendo... (OLHANDO POR UMA DAS JANELAS) (Eles estão lá fora esperando).
- JOANA - Não estou falando, não senhor. Estou falando sério.
- BEAUCHRICOURT - (NO MESMO TOM DE BLAQUE) Eu também. Se tivessemos as duas lagoas que eles estão aqui, eu teria mandado entrar. Afinal não é justo que deixes lá fora três navios, enquanto estás sempre aqui dentro com uma maloca.
- JOANA - Não sou maloca.
- BEAUCHRICOURT - Fala pacifica.
- JOANA - Sou Joana d'Ára e vim de Bonrany...
- BEAUCHRICOURT - Para me pedir um cavalo e alguns cuidados para levá-la a Chirac.
- JOANA - Isso mesmo. Então já aceita?
- BEAUCHRICOURT - E não hei de saber o que se passa lá perto do meu castelo? E para isso não é preciso estar bem informado. Já há três tipos de gente que rondam as muralhas mendigos, loucos e remeiros.
- JOANA - Não sou nada disso, não senhor. Sei que sou uma menina, mas tenho uma missão a cumprir e por isso vim.
- BEAUCHRICOURT - Quer saber de uma coisa? Já perdi tempo demais. Tenho coisas mais importantes a fazer.
- JOANA - Mais importantes que a salvação de França?
- BEAUCHRICOURT - (COMPLEANDO A INACIÊNCIA-DE) Vamos chegar a um acordo? (ELA SE APOIA) Ou tu te rendes aqui ou eu mando te dar umas lanchadas na bunda!
- JOANA - Não quero que falem desse modo comigo. Mas que se faça com isso.
- BEAUCHRICOURT - Para não, allora. Como gostaria de ser tratado, então?
- JOANA - Sem de brincadeiras.
- BEAUCHRICOURT - Então estamos entendidos. (INDICANDO-LHE A PORTA) Suma-se!
- JOANA - Não feques isso comigo, pois não se deve. Mas que estou falando sério.
- BEAUCHRICOURT - É melhor que entes brincando?
- JOANA - Estou vendo que não. Mas deves me explicar...

- ANA - Com o dinheiro em mão, a Tranquilidade?
- TRÊMOUILLE - Não, evidentemente. Ainda estão pagando os soldados.
- CARLOS - Mas não fazem nada!
- TRÊMOUILLE - De fato. Mas se não se pagar logo embora, é se forem finalmente mortos aqui no castelo, que será um alívio muito fácil para os ingleses. Mas se quiser mesmo desesperá-los...
- CARLOS - (RABUGO) Continuem pagando.
- TRÊMOUILLE - Com o quê?
- CARLOS - Sumaria os impostos.
- TRÊMOUILLE - De novo? E o novo?
- ANA - É, Caríssimo, o o novo? A Tranquilidade tem razão. (CORRIDA DE LA TRÊMOUILLE DE LADO) Pois temos cinquenta francos...
- CARLOS - (PERCUTINDO) É... o novo... (CONTINUA A HUMILHAR SARRICENT PERCUTINDO)
- ANA - Vamos, a Tranquilidade, cinquenta coroados. (LA TRÊMOUILLE, COM A MÃO NA BORDA DO COTADO DE-LHE ALGUMAS MOEDAS E DIZ DE NOVO, LÊVADA E SARRICENT, ENQUANTO ELE CONTINUA A CONTAR AS QUE LHE SOBRAVAM AINDA NA BOLSO).
- CARLOS - Todos os países tem novo?
- TRÊMOUILLE - (SURRISO, ESTABELECIDO ADEUS AO NOVO) Não, não...?
- CARLOS - O novo... Existe em toda parte?
- TRÊMOUILLE - Se não existisse o povo não resistiria o reino. (CARLOS OLHA-O INTERROGATIVAMENTE) Quem são eles, trabalho?
- CARLOS - É verdade.
- TRÊMOUILLE - Quem plantaria? Quem colheiria? Quem cuidaria dos rebanhos?
- CARLOS - Quem fabrica.
- TRÊMOUILLE - Quem pagaria impostos?
- CARLOS - Isso mesmo! Vamos proteger o novo, a Tranquilidade!
- TRÊMOUILLE - Não parece é claro...
- CARLOS - É bastante para que possa plantar.
- TRÊMOUILLE - E colher.
- CARLOS - E lutar no guerra, afinal sempre se pode defender o país.
- TRÊMOUILLE - E pagar impostos. Isso é importante pagar impostos!
- CARLOS - Não estão todos?
- TRÊMOUILLE - Pagam o dívida.
- CARLOS - É mesmo. Sumaria o mesmo!
- TRÊMOUILLE - (RABUGO) E os novos reclames?
- CARLOS - Acostumando, acostumando...
- TRÊMOUILLE - Se me permitia, sugestia, uma sugestão.
- CARLOS - Pois não?
- TRÊMOUILLE - Após de que maneira fazer uma sugestão.
- CARLOS - Qual?
- TRÊMOUILLE - Qualquer uma, não importa. Não é para ser comprida. Após com isso dar uma satisfação. Uma esperança de melhores dias.

- CARLOS - Mas lembrado, La Tremouille, mas lembrado!
- TREMOUTILLE - Esclaremos um assunto a todos os condados para que infere-
mam ao povo das depois da paz cessada e expulsos os En-
glishes haverá mais comida e menos impostos.
- CARLOS - É isso é verdade. Na guerra muitas coisas, não houve?
Quem vai comer a comida dos ingleses? De que se abastecer, é
aiado.
- TREMOUTILLE - Só que essas não pagam impostos.
- CARLOS - É verdade. Prometa mais comida e não fale dos impostos.
Pense porque, o que mais não é a falta de comida. Eu que
o digo. Minha mãe, La Tremouille, já não está tão forte
quanto antigamente.
- TREMOUTILLE - Conseqüência da guerra, faguetada.
- CARLOS - É verdade. Imagini que estivessem em guerra.
- TREMOUTILLE - É há muito tempo.
- CARLOS - Quanto?
- TREMOUTILLE - Não falemos de coisas tristes. O melhor é prescindir a
atual para que seque o povo.
- CARLOS - É, se a guerra continuar não haverá mais paz para argu-
mar.
- TREMOUTILLE - [CONCELANDO-O] Senora senora alguma...
- CARLOS - É se essas vivem melhor?
- TREMOUTILLE - O quê?
- CARLOS - A comida e mais que sempre prometor.
- TREMOUTILLE - Não vos preocupem faguetada. E que comida no povo é
que seque e prometor com a nossa facilidade com que a
comida. O essencial é prometor.
- CARLOS - Então prometor, La Tremouille, prometor à vontade. DUA TRE-
MOUTILLE VÃO SAIR E NÃO FAZ ECONOMIA
- ANA - [Quê vêm voltando ao mesmo tempo em que sai LA TREMOUILL-
LE] Será que estão pensando diretamente fazer economia?
- TREMOUTILLE - Economia de promessas, não se diz assim...
- ANA - Ah... [LA TREMOUTILLE VÃO] Não ouvindo.
- CARLOS - Não tem importância. Há certas coisas difíceis de ser as-
sumidas. Mas o essencial não é cumprir, é prometor.
- ANA - De que estão falando, afinal?
- CARLOS - Uma coisa muito aborrecida, minha querida Finanças. Eco-
nomia. Impostos. Impostos. Povo. Principalmente o povo.
- ANA - É que importância tem isso para nós?
- CARLOS - O povo sempre foi importante. Ana, se não existisse o po-
vo não teríamos a que comer. E sem impostos para que po-
damos comprar tudo lindos vestidos e trouças.
- ANA - [RESTRANCO-LA] O QUE TOCADO? Que tal?

TRÊMOUILLE - [SEM O VÍDEO CAPTIVADO] Talvez seja esquecido.

CARLOS - [ENFATO COLOCA O MANTO EM LA TRÊMOUILLE, APOIANDO PELA BASTON] E se ela se reconhecer?

TRÊMOUILLE - Quem a isto poderia ficar desconcertado. Alguém em França vai conhece-la, e não ser os produtores...

CARLOS - [RISANDO] Ah, La Trêmouille, por que essa mágoa de viver no exílio?

TRÊMOUILLE - E não é verdade?

CARLOS - Qualquer dia eu se largo de fato e te mando embora.

TRÊMOUILLE - Está bem, repetida, estava só brincando.

ANA - [MANTENDO CARINHOSAMENTE NAS COSTAS DO REI] Claro! Deixe lá se de lado. Agora vamos nos divertir! [APROXIMANDO-SE DA PORTA] Trarei a novidade!

CARLOS - Ela está só?

ANA - Há mais de duas horas é que está se entretendo, não se faz nada?

CARLOS - [RÍDICA APERTE] Falou...[GRITANDO] Trarei a novidade! [VIR PARA O CASTO DA CASA DE JANEIRO LA TRÊMOUILLE, APOIANDO PELA BASTON, ADEITA O MANTO E PROCURA MOSTRAR-SE COM CERTA PRESTIGE, COMO COSTA E COMO PARA OS TRÊS]

TRÊMOUILLE - Aproximando, Jane.

JANE - [OLHANDO O COM RÍDICA] Não é a vós que procuro, senhor. Venho falar com o Delfim.

TRÊMOUILLE - Eu sou o Delfim.

JANE - [SORRINDO] Como se pudesse me enganar...

ANA - É ela o rei, não.

JANE - [SORRINDO] Pelo tamanho da barriga só pode ser La Trêmouille... [O REI É A BASTON SEM ENCONTRA LA TRÊMOUILLE AFASTA-SE INDICANDO] E não tem nada de rei...

ANA - É eu, porque sou a rainha?

JANE - Certamente que não, vós sois Jane.

ANA - Por quê?

JANE - Pela maneira de vestir, de falar... não a conheço, não. [DEPOIS, VOLTANDO-SE PARA CARLOS] E vós sois o rei.

CARLOS - [AFECTANDO-SE RÍDICA] Não... Estou esquecido. Ela é que é o rei.

JANE - [ACELERANDO-SE E SEM REI] Deve ser de uma longa vida, que ali Delfim.

CARLOS - [RISANDO] Já disse que não sou o rei!

JANE - Eu sou o Deus, não, não sou o rei e nem um outro não.

CARLOS - [CORRENDO PARA A BASTON, DEPOIS PARA LA TRÊMOUILLE] Ela se reconheceu... se reconheceu!

JANE - Claro que não.

CARLOS - Que queres de mim?

2 GARRA - Um saído para que eu possa libertar Brissac.
 CARLOS - (APROVANDO) Um saído? (LA TREMOUILLE CORRE COM SAÍDO)
 GARRA - Das saídas não se vence a guerra.
 CARLOS - Quando a isso é verdade. É a guerra, não é La Tremouille?
 GARRA - O mesmo povo que o povo está depois está há de ser um
 povo.
 CARLOS - Ah, as filhas não me parei uma porção de pensamentos!
 GARRA - Não está pronta.
 CARLOS - La Tremouille dir que não.
 GARRA - Eu sei diga que não, porque é isso que quer. Ninguém po-
 de se opor à vontade de Deus.
 CARLOS - Não o povo?
 GARRA - (COMO) Ninguém.
 TREMOUILLE - E que sabes tu sobre essas coisas?
 GARRA - É a não sei nada. Mas as minhas amigas sabem.
 RUA - Que vantagens?
 GARRA - As que se fazem.
 TREMOUILLE - E quem te falou?
 GARRA - Falei que entendas melhor as coisas. Não são a cor-
 reção não?
 CARLOS - Não esperas por esta, não La Tremouille?
 TREMOUILLE - De qualquer maneira esperar tudo. Que vantagens são essas?
 GARRA - Santa Margarida, Santa Catarina e São Miguel.
 RUA - Falemos cordão?
 GARRA - Outras coisas.
 TREMOUILLE - Em francês ou em inglês?
 GARRA - Uma das importâncias.
 TREMOUILLE - Masia sublevaras de que lado estás.
 GARRA - É que posso garantir é que não vou ser um inglês muito
 mais tarde que o outro.
 RUA - Não educado?
 GARRA - Não por que não a verdade?
 CARLOS - É é verdade tudo o que dizem?
 GARRA - Sim, meu rei. Não aqui para me conduzir a Roma.
 CARLOS - Roma é muito longe.
 GARRA - Comany também é o eu não.
 TREMOUILLE - Mas como a Roma muitas vezes cidades e muitas cor-
 das se estão das igrejas.
 GARRA - Então não está fazendo de conta-las, é claro.
 TREMOUILLE - Com o que?
 GARRA - Com a educação que o rei me deu.
 CARLOS - Então, não tenho educação para quando o destino não me
 dá, como posso te dar um saído?
 GARRA - Deito com o eu os pensamentos.

ANA - Mas como sabemos isso?

JOANA - Por como será que difícil?

FREMOVILLE - É como vamos pagar esse dinheiro?

JOANA - Sempre vai dizer que tenho muita dinheiro.

CARLOS - [RISOS] Eu fomo vai longe, não! ...

ANA - Se Deus quer ajudar a França será que não pode fazer-lhe um milagre.

JOANA - Foram os homens que fizeram a guerra e não Deus. Mas que todos os soldados que Deus lhes deu a vitória, porque Deus está do lado de quem está certo.

CARLOS - Quanto a isso é verdade.

FREMOVILLE - Mas quando que acontecimento assim, mas mais um pouco, agora nos poderia você não o afirmar que Deus te ajudou?

JOANA - É é possível não?

FREMOVILLE - Se é possível não!

CARLOS - Com isso eu vou a Corte? ...

JOANA - Não será preciso, não. E não eu tenho um sinal que me foi revelado por Deus.

CARLOS - Qual?

JOANA - É um segredo. Só a você, particularmente, é que poderei dizer.

CARLOS - Pois não, conta-me esse segredo, e se me convencer quem sabe lá de um milagre.

FREMOVILLE - Mesmo sem acreditar o Conselho?

CARLOS - [CORACAO] Mesmo. [SUSPIRO, CORRECCOES] Desde que ele me convencer é claro...

JOANA - O Conselho de Deus, não, é muito mais importante que o conselho dos homens.

CARLOS - Lá isso é verdade...

FREMOVILLE - Com essas licenças, Regentado, tenho assuntos importantes a tratar.

JOANA - É a salvação da França não é mais importante?

FREMOVILLE - Tenho salvo a França de muitas mãos. Inclusive o Salpêtr. Mas com a sua ajuda, com ajuda de ninguém.

CARLOS - Lá isso é verdade...

JOANA - Não recebia nada em troca? [LA FREMOVILLE OLHA PARA ELA]

CARLOS - Não, ninguém. [DIANTE DE ATITUDE DEFENSIVA DE LA FREMOVILLE] Não vou querer pagar, não é?

FREMOVILLE - Se possível seria é melhor ajustarmos contas. Não há problema, vou Regentado devolva a dinheiro e se devolva se devolva se devolva. [SEI DISTINGUÍ-LO].

- ANA - Então tem arranjado, como é que vamos fazer agora com La Tremouille?
- CARLOS - Ele volta, Ana, ele volta...
- ANA - Acho melhor esqueçá-lo agora. (FARMER sai, ela corre sem lançar um olhar de último para JORNA)
- CARLOS - (DEPOIS DE UM CURTO SILÊNCIO) Que tal?
- JORNA - Que engraçados são... Parece que vivemos mais do que nós.
- CARLOS - E agora.
- JORNA - Não sou o rei?
- CARLOS - Um rei sem coroa, sem dinheiro e quase sem pessoas. Já deu-se à tarefa de França e La Tremouille. Por isso precisa se submeter à tua vontade.
- JORNA - Parece que não fazes muito amigo.
- CARLOS - Ele é meu amigo. Eu não posso eu já estar morrendo de fome. E Ana já está se deixando. Como poderia suportar sem vestidos e talcador?
- JORNA - São tão pobres assim?
- CARLOS - (SOLILÓQUIO) Simão... Vou-me embora agora.
- JORNA - É a rainha?
- CARLOS - Não posso eu me vestir bem. Afinal não sei porque os meus vestidos nunca chegam perto estranha.
- JORNA - Com vestidos que agradar-vos.
- CARLOS - É não? Pode ser. Mas leva todo o meu dinheiro. Então mais os vestidos e jóias de que os cavalos e arrastões para os soldados.
- JORNA - Por isso os ingleses começam cada vez mais.
- CARLOS - Comentei Barba Azul?
- JORNA - É que tem a barba azul pintada?
- CARLOS - Não mesmo. O nome dele é Carlos de Anjo, mas chamamos de Barba Azul. (EM TOM DE SECRETO) É o maior traidor de França! Negou-se agrades do Estado com os ingleses...
- JORNA - É possível?
- CARLOS - É que eu posso fazer? La Tremouille gosta dele. E a rainha também. Por isso faço de conta que não sei.
- JORNA - Não devia desconfiar. Não está longe e não os meus soldados governar seguramente sobre todo o reino de França.
- CARLOS - (SOLILÓQUIO) Será que vou ser capaz?...
- JORNA - Por que não?
- CARLOS - É a vez de Barba Azul, não?...
- JORNA - Não de quê?
- CARLOS - De La Tremouille, de Barba Azul, do meu dinheiro... Então todos contra nós, eu tenho amigos-estrangeiros americanos aqui. (SOLILÓQUIO-ALTO) Já tentarei não me enganar...

- JOANA - Quem?
- CARLOS - Como é que vou saber... Mas tentamos. É tu mesma cuidado. Assim talvez podes amargar mais.
- JOANA - Não sei inventar, como sou galego. Devo de dar uma nigra para cumprir a minha vontade que eu quero antes disso. Já depois das atividades coradas e a França liberta. Já aí poderai morrer.
- CARLOS - Pense, como tens coragem!
- JOANA - Se quiserdes, posso vos dar um pouco de coisa.
- CARLOS - Costaria.
- JOANA - Então é só comprar.
- CARLOS - É quê?
- JOANA - A luta.
- CARLOS - Ih, mas eu não sei lutar... Mas queia. Prefiro ficar no castelo. É menos perigoso, não achas?
- JOANA - Mas um rei não pode se apresentar aí às portas suas. Se vai ser por respeito e medo por seus súditos tem que se sacrificar, quando for preciso, e dar exemplos.
- CARLOS - Seria tão bom se a minha fosse livre e rico e todos nós se libertassem de se libertar, com bastante e muito bem... [JOANA AI] De que estão rindo?
- JOANA - Das coisas melhores. São coisas, mas ninguém consegue na de sua luta. Mas como um rei. Então, quem é rei é rei por isso, assim como é assim fazer bem ao mal. E a raízes todas são iguais e por isso os sacrifícios devem ser os mesmos.
- CARLOS - Mas não posso eu pedir nada. Tenho vontade com uma coisa vos de tudo. Quero as coisas mais que quero todas as dias não de raiva e de se tranquilizar... Mas que não se por de tudo?
- JOANA - Não se porarem. Se quiserdes saber qual das são as que tenho vontade!
- CARLOS - Mas quero. Seria capaz de seguir coisas que eu não sei fazer.
- JOANA - Qualquer pessoa pode fazer qualquer coisa. É questão de querer e experimentar.
- CARLOS - Não sei, não...
- JOANA - Além disso, eu sei que não posso fazer. Segundo isto é a vontade de tudo.
- CARLOS - Eu é que não posso fazer!
- JOANA - Não sei o quê?

CARLOS

- Das sabem... Se que sabem bem aqui se não se sabem que sabem. É não sabe só de la Tremouille, não. (ACORDA TPO) Verdade que tu não podes entender certas coisas. Muitas vezes as invenções vem de fora, de outras coisas está. Põe que que não sabem coisas para saber aqui mas explicar. E muita coisa, e muita coisa... Oh, isso é complicado mesmo. Fazer coisa é coisa certa e não parecem que fiquem, só está certo certo. Tudo que não podemos representar uma coisa, imediato ou futuro... É se por isso precisamos de lei, só por aquilo se trata de outras coisas... Se sei porque tanto se ligamos aqui, tornando mais interessantes... Se outras coisas são muito importantes... Isso estão no lado e não!

JOANA

- É assim só?

CARLOS

- É se isso fosse tudo, não seria nada. O pior é uma coisa de se lembrar de própria pessoa, que só fazes pela própria coisa, não para o país.

JOANA

- Mas agora, pelo mundo, gastas a dinheiro aqui.

CARLOS

- Mas sempre. Muitas vezes não gastas lá fora.

JOANA

- E não há mais coisa para fazer?

CARLOS

- Claro que há mais, mas não sempre todos os dias. Mas mesmo se não conseguirmos, há sempre mais coisa e mais de tudo e nunca ninguém está satisfeito, por isso que a gente faz.

JOANA

- Mas tanta dificuldade há de servir que não temos feito muita coisa para o país.

CARLOS

- Não... As coisas não se sabem. Uma para mim, Joana, não se sabe a verdade sobre o que se faz? (ESPIA POR UMA SEGUNDA QUE NÃO VEI) Não falar. Não tenho nada. (DE TPO DE SECRETO) Ninguém está satisfeito....

JOANA

- (TENTANDO INCOMUN-LA) É preciso ter coragem, não. Ainda não sei o rei. Por enquanto apenas o Delfim. Mas isso se devia ser o rei.

CARLOS

- Poderia fazer promessas. Isso é bom, não?

JOANA

- Não, meu rei. Promessas de nada valem, e não sei quando possam de fato ser cumpridas. O povo já está cansado de promessas.

CARLOS

- Mas la Tremouille disse...

JOANA

- La Tremouille não conhece o povo. Não sei porque não só Tremouille é um homem que só conhece as próprias coisas, coisas que tem de si para a sua família.

CARLOS

- Lá isso é verdade.

JOANA

- O que não precisamos é de um rei forte que possa conduzir a nação. Então, que se diga, não é para que se lembre de la força e poder para arbitrários, mas para justiça e pa-

- JOANA - In liberdade, sem noção de espaço algum, e não sei por
la verdade.
- CARLOS - E isso não são promessas?
- JOANA - Não. São direitos que o povo tem.
- CARLOS - Mas o povo tem direitos?
- JOANA - Faltam mais do que você sabe. Ele tem deve respeito porque
é o rei, mas você, como rei, também obrigação de fazer
valer seus direitos e deveres em respeito.
- CARLOS - Mas ainda não sou o rei.
- JOANA - E de quem é você?
- CARLOS - Quem eu quero ser?
- JOANA - Eu.
- CARLOS - Falei em nome de Deus?
- JOANA - Falei em nome do povo.
- CARLOS - E não é perigoso?
- JOANA - Perigoso porque, se o povo é que constitui o reino, não.
E está entre povo que há se transformá-lo em rei.
- CARLOS - E daí?
- JOANA - Daí é começar a pensar e a trabalhar na recuperação da frag-
ga. Recuperar os direitos que roubam e que foram e devem
sempre sempre. Fazer a eles plantar batatas em suas terras e
não nos roubam.
- CARLOS - Mas tem terra pra todo mundo. A França é tão grande.
- JOANA - Mas é mesmo? Por isso tem que ter liberdade para gente que
vem de fora não tem de aqui, não. Quem dá é o povo, e o
povo que deve manter ordem e a disciplina. Também o
povo respeito, se quiserem ser respeitado. O povo tem
que ter liberdade se quiserem voltar com justiça?
- CARLOS - (CONFUSO) Povo... Povo... Povo...
- JOANA - Povo tem sempre e sempre alimentos vem do povo e não de la
Tramullia. É com de muitos outras coisas. O povo é que
paga impostos e se sacrificam pelo seu rei. O povo é que
planta a trigo e cria galinhas para sua comida e para
fazer. É parte do povo que faz coisas pequenas, coisas
vastas e coisas grandes. Tudo disso vem de fora. Mas pre-
cisa vir. Temos tudo isso aqui, de melhor qualidade. E
temos já para vender as coisas conhecidas nos fabrica-
tos. A, todas produções mais se ajustam os lucrado-
res e plantam.
- CARLOS - Tudo isso é muito bonito, Joana. Mas não é assim
falso.
- JOANA - Mas não é, seu rei, se tiverem mesmo olhos e ouvidos
abertos.
- CARLOS - E isso é possível?

- JOANA - Claro que é.
- CARLOS - De que jeito?
- JOANA - Arriscando expulsando o indiano e depois trabalhar.
- CARLOS - [UM POUCO IMPACIENTE] Por quem?
- JOANA - Porco rã. É possível acreditar em alguma coisa, hein.
- CARLOS - Não tem a rã, não acredita, e não gosta de porco.
- JOANA - Mas é possível!
- CARLOS - Não quero nada disso! Quero continuar como estou e como sou. Quero ficar aqui em Chicom saucagato.
- JOANA - Por quem querias que sajassem os índios dos ingleses?
- CARLOS - Não gosto que seja que é melhor...
- JOANA - Oh, não senhor!
- CARLOS - Chega! Chega!
- JOANA - Querias então continuar sendo apenas o Índio?
- CARLOS - Afinal, por que ser você lá por vontade? Eu não posso para manter rei. Então me diga, por que?
- JOANA - Por que você é a pessoa mesmo. Para isso nasciste, não. Foste escolhido.
- CARLOS - Subagun, quinze marcos para o rei, quinze. Sem ministros, sem conselheiros. Essa gente só se incomoda.
- JOANA - Por que a coisa?
- CARLOS - Lá vem de novo com a coisa.
- JOANA - Não é possível que você confesse em continuar assim, só de roupas simples. Não tem sobre as costas.
- CARLOS - Mas não compreendes, que se eu for coroado rei de France minha vida vai mudar completamente e eu vou me relacionar como nunca me relacionei em toda a minha vida? Mas tem que pagar la tranquillité, Santa Ana, Laurent, e onde vou arranjar dinheiro para todos eles? E a coisa, já ganhou-se quanto dinheiro a jóias e louças de ouro de quem?
- JOANA - [SUSPIRO] Porra rei meu, se eu quiser...
- CARLOS - [CONTINGUENDO-A COM MIMICA, APÓS UM LONGO SILÊNCIO] Não fique triste. Não sei que te faças assim por te quiser mal. Eu gosto de ti. Mas que gostaria que ficasses aqui com mim te viu divertindo as crianças.
- JOANA - Com uma coisa se divertir também...
- JOANA - [SUSPIRO-2] Tem coisas mais importantes para fazer.
- CARLOS - Então falando que tem la tranquillité, (Dá oi) Queris saber de uma coisa? Acorda-te que foste enviado por Deus para se ocupar de Salva. Eu facho bem que eu gostaria que isso acontecesse. A, vou chegar a querer governar a France tão bem quanto os ingleses governam a Inglaterra. Bem com isso. Principalmente quando não consigo dormir, justamen-te por essas duas malditas inglesas.

- JOANA - (ENTRANDO-SE) Então...
- CARLOS - Mas acho que não vou para essas coisas. Vou dar as minhas aulas. A França é tão grande e os problemas são tantos e tão diferentes... Não gosto de pensar.
- JOANA - Não é tão difícil assim. Lá fora, muitos países estão brigando e se destruindo. Como é que os outros podem?
- CARLOS - Lá lá.
- JOANA - Governar um país é a mesma coisa que governar uma casa, com a diferença de que o país é muito maior que a casa. Mas não, com muitas milhares de pessoas em um mesmo espaço que não tem as atropeladas muito, porque não que não vai a todos não podem governar a França, sem as suas mãos e conservá-la intacta?
- CARLOS - Não é tão fácil assim.
- JOANA - É, sim. Então não é. Deu até de vocês lado e com a sua ajuda tudo será mais fácil. Deliciosa idéia, não? Eu me comprometo a ajudá-lo. Derrotar o trono e a coroa. Derrotar a França livre de todos os ingleses e eles não podem dominar a vossa pátria. E tudo isso não temia? Então eu ajudo a França livre!
- CARLOS - (TENTANDO) Oh, se eu posso eu tivesse a tua força e coragem.
- JOANA - Vamos experimentar. Levantou-se rápido. (ELE SE ENFURTA, POIS SEM O PÊLO INFLUÊNCIA, COM OS BRANCO E A CABELA NAJADA) Lá está o mesmo tempo. Despede-se. (ELE SAIU CORRENDO) Eu acredito por instinto, mas depois sou o o estado e sou eu o tempo, não sem dizer. JOANA ENTUSIASMA-SE. SOU O CHORO DE FELICIDADE) Lá, agora sim. Agora é tudo então lá e vencer. Chama-se, não. Chama todos!
- CARLOS - (ALTO) Todos! Quero que venham lá com o rei... (COMEÇA A ANDAR PELA SALA, AGORA GRITANDO) Eu sou o rei de França!
- THIMOUILLÉ - (ENTRANDO APROVEITANDO, SEGUIDO PELA RAINEA) Que significa isso? Que insensatez é essa?
- JOANA - (CORRENDO-SE RÁPIDA) Vamos marchar para dentro e depois eu vou falar com todos rei está pronto.
- THIMOUILLÉ - (CORRENDO DE RAINEA) Não... não...
- JOANA - (CORRENDO O INDICADOR DAS LÂMPADAS) Não! Quem comanda a cidade agora sou eu! (CORRENDO-SE AO SACRISTÃO QUE AGORA DE CHAMA) Não vou mais aqui. (CORRENDO-SE DIANTE DELE, CORTO ENTÃO PELA MÃO, PELA RAINEA E FINALMENTE POR LA THIMOUILLÉ, ENQUANTO A LUX CINGIDA EM PENITÊNCIA PARA VOLTAR EM SEÇÃO COM O CORDÃO DE SÓLA FESTIVA. TODA A CORTA ESTÁ REUNIDA NA CATEDRAL DE MEIO PARA A SOLEMNIDADE DE SAGRADO DE CARLOS VII, QUE ESTÁ ACOLHIDO DIANTE DE ARCEBISPO. EM PLANOS DISTINGUIDOS ENTRE A RAINEA, LA THIMOUILLÉ

LE, BENEDICTUS E CORAL. A CANTORA DA CATEDRAL PROSSIMO
ESTAR PROTEGIDA TAMBÉM TRÊS CORANHAS QUANTO JULIAN
RECEBERIA PARA PAGAR DÍVITA VITUAL DA CORA. LUI E MÔDE-
CA SEVIR PERICIA ESPECIAL ATENÇÃO. SOAM CLARINA, DEPOIS
UM SILÊNCIO ABSOLUTO).

ANACREONTO - (COM VOS ROSSANTE E NICHOMAS) Desobedientes Vos sei Fazer as
maleditas!

CORAL - Amem!

ANACREONTO - Benedictus (Cantata Opérina)

CORAL - Amem!

ANACREONTO - Domineus vobiscum!

CORAL - Et cum spiritu tuo!

ANACREONTO - (Faz o sinal de Cruz na testa, nos lábios e ao peito de
CARLOS VII. EM DECISÃO LIVRENTA A CORA SUSTENTANDO-A DO
BRI A CARGA DO PEI) A vós, muito nobre príncipe, como
rei Carlos VII, pela graça de Deus rei de França, suplico
e requero a povo do vosso reino, pelo que lhe pertence, que
se faça sem que consensira a soberana liberdade do vosso
reino, que é tal, que não devesse reconhecer como vosso rei
Nenhum temporal, ninguém, exceto Deus!

CARLOS - Amem!

ANACREONTO - Sinto questeis sofrer, chorar, chorar, por vosso rei
falecido, ao povo de França, como predecessores, justos e
devotos para com Deus, especialmente as leis, estatutos e
frequências concedidas ao clero e ao povo pelo glorioso rei
Carlos VI, como predecessores?

CARLOS - Eu ao autorga e promessa mantenho.

ANACREONTO - Serei questeis crerdesse de modo que em todos os vossos juí-
gements se observe igual e reta justiça, discreção e
misericórdia e caridade, conforme foi a vossa alçada?

CARLOS - Farei de modo que seja observada.

ANACREONTO - Alrei consentis que as leis e costumes que se comen-
çam do vosso reino tenham estabelecido sejam mantidos con-
servados? Deferdo-lhe-ei, proferir-lhe-ei força por hon-
ra do Deus confesso vos far guardar?

CARLOS - Consinto em tudo a promessa protejo.

ANACREONTO - Benedictus vos Carlos de nobre, 2.º da Casa. Em nome
do Senhor Deus dos cristãos, celebramos solenemente sobre
vossa cabeça real, e sobre os reis de França, e de reinar
la vossa coroa, seja um valeroso e nobre defensor da so-
berania do reino e protetor de França. Por Jesus Cristo
Rei dos Reis.

CARLOS - Amen.

ANACREONTO - (Colocando a CORA NA CARGA DO PEIUS como domado sang-
vital)

